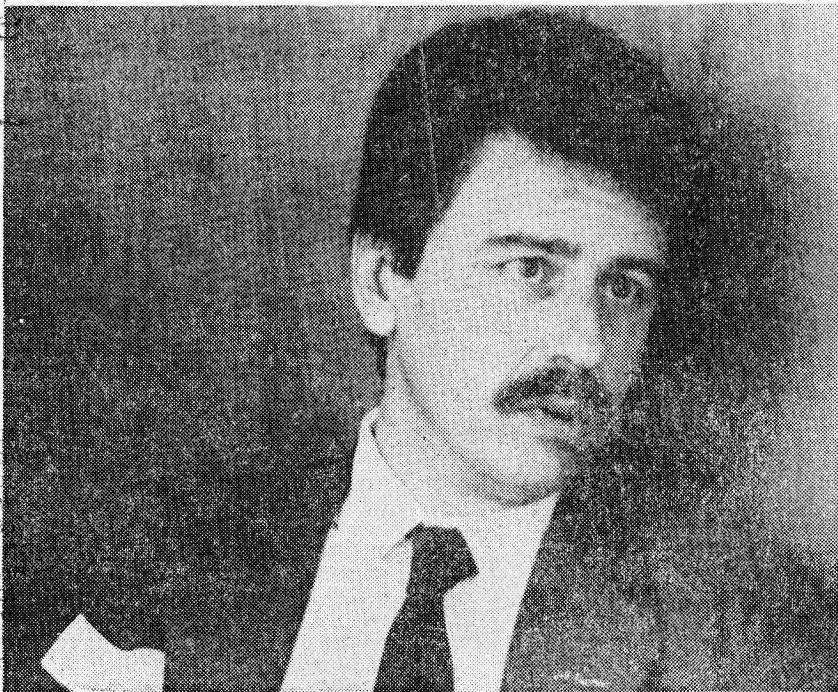


Ameaça de mais impostos

O presidente do Banco Central adverte empresários no Rio: se eles não investirem, o governo aumentará a carga tributária para garantir a sustentação econômica



EDUARDO ULUP

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, disse ontem no Rio que se o empresariado privado não realizar os investimentos necessários à sustentação do crescimento econômico, o governo terá de aumentar os impostos a fim de garantir essa sustentação. "Se o empresariado privado não faz a sua parte podemos chegar a um relativo impasse", disse Milliet. O presidente do BC afirmou também que, se a inflação chegar aos 10%, o governo adotará novas medidas para controlá-la ainda este ano e assegurar a redução do ritmo de crescimento de preços em 88.

Fernando Milliet fez essas afirmações em entrevista logo após a sessão da manhã do seminário sobre a conversão da dívida externa na PUC-Rio, promovido pelo governo do Estado. A entrevista ocorreu depois que o presidente do BC retirou-se em sinal de protesto contra as declarações do presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Sérgio Barcellos, que criticou a "cafonice" e a "chatice" brasileiras em comparação a outros países do mundo (ver box).

"É importante que os empresários reflitam um pouco", disse Milliet na entrevista. Segundo ele, o empresariado, que hoje se queixa da política econômica e diz que não investe por causa das incertezas, está esquecendo o período em que, para proteger o empresariado privado da recessão, o governo realizou grandes transferências de recursos para o setor privado, agravando o déficit público e pressionando os juros da dívida pública resultante. "Agora o empresariado, que ficou supercapitalizado através desse mecanismo, deve aproveitar as condições para dar uma resposta econômica útil e assumir o programa de investimentos", disse Milliet.

O presidente do Banco Central, que não fez nenhum pronunciamento sobre a conversão da dívida durante o seminário, anunciou aos jornalistas que dentro de 30 dias deverá estar pronta a regulamentação deste processo com dois objetivos básicos: definir limites nos setores que já estão num bom ritmo de investimentos e estímulos para aqueles que estão carentes. Ele revelou que os registros de pedidos de conversão já passam de US\$ 1 bilhão e que já existe espa-

ço no orçamento federal para os valores a serem convertidos "em ritmo bimestral ou trimestral". Outra preocupação das autoridades financeiras é, segundo ele, criar mecanismos para que as empresas não-financeiras possam ser titulares de crédito convertido.

Quanto à negociação da dívida externa em geral, o presidente do BC afirmou que já é generalizada entre os credores a aceitação da idéia de fixar um teto de juros para os encargos da dívida, principalmente depois da brusca oscilação corrida esta semana na **prime** e na **libor**.

A questão da conversão da dívida também foi abordada pelo economista Winston Fritsch, da PUC-Rio, para quem o processo de conversão é muito importante num quadro em que não se vislumbra a recuperação dos fluxos voluntários de capital externo. Para ele, "a questão do investimento estrangeiro vai ficar importante em termos políticos no Brasil", principalmente por causa do papel atribuído a esse investimento nos diversos setores da economia brasileira.

Rio/Agência Estado

Milliet: "O empresário precisa refletir um pouco"

Carlos Chicarino